



A Igreja de S. Bartolomeu na envolvente do Mosteiro de Santa Maria de Arouca

Helena Marçal* e João Rebuge**

RESUMO

O presente artigo baseia-se na intervenção arqueológica efetuada pela empresa Arqueologia e Património, no âmbito do projeto de requalificação urbana da envolvente do Mosteiro de Santa Maria de Arouca. Intervenção de grande vulto, abrangeu o jardim da vila, o terreiro do Mosteiro, a avenida 25 de Abril e a praça Brandão de Vasconcelos, permitindo a identificação de um interessante conjunto de estruturas, testemunhas das transformações ocorridas, ao longo dos séculos, no espaço envolvente do Mosteiro, algumas delas intrinsecamente ligadas a este. É neste contexto que apresentaremos a Necrópole e a Igreja de S. Bartolomeu, erigida no adro da igreja monástica, durante o abadessado de D. Melícia de Melo (século XVI), no espaço atualmente ocupado pela praça Brandão de Vasconcelos, tentando delinear um pouco da sua história e da relação com os espaços envolventes.

PALAVRAS-CHAVE

Igreja, Necrópole.

ABSTRACT

This article is based on the archaeological intervention made by the company Arqueologia & Património under the project for the renewal of the urban surroundings of the Monastery of Saint Mary of Arouca. This large-scale intervention, covered the village garden, the yard of the Monastery, Avenida 25 de Abril [avenue] and Praça Brandão de Vasconcelos [square] and allowed the identification of a number of interesting structures, witnesses of the changes that have occurred over the centuries, in the surroundings of the Monastery, some of them intrinsically linked to it. In this context, we present the Necropolis and the Church of Saint Bartholomew, erected in the churchyard of the monastic church, when Melicia de Melo was its Abbot (16th century), in the place presently occupied by Praça Brandão de Vasconcelos, and we try to outline some of its history and relationship with the surrounding areas.

KEYWORDS

Church, Necropolis.

* Arqueóloga, Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca, Arqueologia e Património, Lda.

** Arqueólogo, colaborador temporário da Direção Regional de Cultura do Norte.

1. INTRODUÇÃO

A Igreja de S. Bartolomeu localizava-se na antiga praça da vila, na freguesia de S. Pedro, no centro de Arouca.

A intervenção arqueológica efetuada pela empresa Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca, Arqueologia e Património, Lda., no âmbito do projeto de reabilitação urbana da envolvente do Mosteiro de Arouca, decorreu entre outubro de 2011 e julho de 2012 e foi dirigida pelos signatários.

Os trabalhos incidiram sobre uma vasta área do centro da vila, o jardim, o campo de futebol adjacente, o terreiro do Mosteiro, a avenida 25 de Abril, a praça Brandão de Vasconcelos e os dois arruamentos adjacentes: a travessa da Alameda e a rua Dr. Coelho da Rocha.

Em resultado da intervenção, detetámos um conjunto de estruturas de diversas cronologias, algumas associadas ao Mosteiro, como a casa dos padres e os vestígios da Igreja de S. Bartolomeu, outras relacionadas com o espaço público da vila, que se desenvolveu em torno do cenóbio.

No presente artigo pretendemos delinear um pouco da história da Igreja de S. Bartolomeu.

2. ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A Igreja de S. Bartolomeu localizava-se no espaço religioso ocupado pelo adro do Mosteiro, defronte deste. No adro, cercado por muro em esquadria, encontrava-se igualmente a Capela de S. Gonçalo, pertença do morgado Rafael da Silva, de Oliveira de Azeméis. Ambas terão desaparecido nos finais do século XIX.

A norte, confrontava com a praça da vila, designada por praça de Baixo, no século XIX, atual praça Brandão de Vasconcelos, edificada entre os finais do século XIX e os inícios do século XX. A praça setecentista era o local onde se reuniam os romeiros, onde se realizava a feira e a festa em honra de S. Bartolomeu, o santo padroeiro, e a feira mensal.

A ladear a praça, a norte, tal como hoje, encontrava-se, a Igreja da Misericórdia, construída em 1612, que distava cerca de 80 passos da Igreja do Mosteiro. Junto desta existia um hospital (desaparecido no século XVIII), edificado com o apoio da abadessa do convento. Em 1892,



FIGURA 1. Pormenor da vista aérea do centro da vila de Arouca (a seta a vermelho localiza a praça Brandão de Vasconcelos) (Google Maps, 2016).

anexa à Igreja, foi construída uma torre sineira, de três andares, onde, segundo a tradição, foi colocado um sino proveniente do campanário da Igreja de S. Bartolomeu.

No século XVI, a abadessa do Mosteiro de Arouca, D. Melícia de Melo (abadessa entre 1511 e 1561), mandou edificar, no adro deste, uma capela dedicada a S. Bartolomeu, que distava cerca de 40 passos do Mosteiro. A sua construção ocorreu num dos períodos de maior prosperidade económica da congregação monástica. Estão documentados obras de vulto no edifício, o enriquecimento dos altares da Igreja e a aquisição de obras de pintura, escultura e paramentaria.

É neste âmbito que a nova Igreja se constrói, passando aí a ser realizados alguns rituais, outrora exclusivos da Igreja do Mosteiro, como o ensinamento da doutrina, casamentos e enterramentos. O Mosteiro será, ao longo dos tempos, o principal dotador da Igreja construída por D. Melícia.

Pouco se conhece dos primórdios do edifício, já que as suas representações são escassas. A maioria dos elementos que recolhemos provém de descrições mais tardias, dos séculos XVIII e XIX. São estas que nos permitem conhecer o edifício religioso, bem como acompanhar os últimos anos da sua existência. Este é descrito como tendo “3 altares, sendo um na capela mor e 2 no corpo da Igreja, um ao lado da Epístola e outro ao lado do Evangelho; o altar mor tem as seguintes imagens: ao lado da Epístola, S. Roque, no meio a imagem de Nossa Senhora e do lado do Evangelho S. Bartolomeu; por cima destas imagens, num nicho está S. Nicolau. No corpo da capela, tem do lado da Epístola o altar com a imagem de S. Lourenço. Tem 3 pórticos, a principal para poente e as restantes uma para norte e outra para Sul” (Simões-Júnior, 1990, p. 8).

Na primeira metade do século XVIII, as religiosas do Mosteiro pedem ao papa para que a Igreja de S. Bartolomeu se torne na Igreja matriz da vila e aí se passem a realizar todos os rituais religiosos, anteriormente apanágios da Igreja conventual. Pretendiam, assim, obter para a comunidade religiosa a utilização exclusiva da Igreja do Mosteiro. Os seus motivos prender-se-iam, essencialmente, não com o facto de se sentirem incomodadas pela realização de sacramentos na sua Igreja, mas, possivelmente, devido aos pleitos entre as religiosas e os visitantes, pois sendo a Igreja conventual igualmente paroquial, estes tinham acesso ao espaço religioso. Estas alterações não terão sido bem acolhidas pela população da vila, o que provocou litígios com a comunidade religiosa.

No seguimento desta demanda, o arcepreste de Arouca visitou a capela para avaliar o estado do edifício e propor as obras necessárias para a transferência de funções. Acompanhado pelo mestre-de-obras, Manuel da Costa, elaboram uma descrição que nos permite conhecer o estado do edifício, bem como as obras a realizar: tem “capella mor com capacidade para se officiareem as missas cantadas e todas as mais funções tucantes ao altar; tem noventa palmos de comprimento a Igreja e trinta e seis de largo; e alpendre ou galilé na lingoa vulgar firmada sobre columnas de pedra a porta principal” (Rocha, 2010, p. 245). Na “presença de todos se assentou que a Igreja necessitava como também a capela mor de serem forradas de novo, hum retablo no altar mor e hum sacrário para nelle se colocar o Santissimo Sacramento tudo asiado com decencia para tam alto menisterio e outro retablo no altar colatral da parte do Evangelho, hum pulpito com sua parede lavrada, hum coro sobre a porta principal formado sobre columnas de

pedra, asiento para a pia baptismal fichado com grade de pao, sachristia e caixois para goardar os ornamentos” (Rocha, 2010, pp. 245-246).

Dada a ausência de uma sacristia, ficou decidido “abrir huma porta na capella mor para a parte do adro e ahi fazer emqustada a Igreja huma caza de quinze palmos de largo e trinta de comprido para servir de sacrestia; fazer na mesma sacrestia quaixão com gaveta e almarios para goardar os ornamentos” (Rocha, 2010, p. 246).

Todas as obras ficaram a cargo do Mosteiro e, em 1742, estavam concluídas. A capela ficou dotada de capela-mor, nave e sacristia, à entrada da galilé foi aberta uma porta de acesso à sacristia e sobre a porta principal foi construído um coro.

A Igreja de S. Bartolomeu acompanhou as vicissitudes económicas do Mosteiro, uma vez que este era o seu principal dotador. À medida que os problemas económicos afetam o Mosteiro, principalmente a partir da promulgação da lei de extinção das ordens religiosas, a Igreja é também afetada, materializando-se na incapacidade para efetuar obras de manutenção/reparação e entrando progressivamente em degradação.

Em 1883, através da descrição de Abel Acácio apercebemo-nos do seu estado. A Igreja encontra-se “desolada e mofina no meio do Terreiro. A herva cresce-lhe basta e livre pelo sopé dos muros, em jovial camaradagem com varios arbustos asperos e agrestes, e n’uma densa agglomeração de abandono a ramaria brava divide-lhe as juntas das pedras com uma nitidez de escarneo, tapeta-lhe cariciosa as calvas lageas do adro e pendura-se-lhe ousadamente do alto do campanário ennegrecido” (Acácio, 1883a, p. 269). “O interior d’esta, é como o exterior, pobre e modesto, e esta por igual deteriorado. Vêem-se na cappela-mor dois tumulos embebidos na parede, um a cada lado do altar, com epitaphios góticos quasi illegiveis e ainda mais pintados a ocre espessamente! No pavimento da egreja algumas inscrições tumulares se leem também a custo” (Acácio, 1883a, p. 270).



FIGURA 2. Praça Brandão de Vasconcelos enquadrada, a norte, pela Igreja da Misericórdia, por volta de 1915 (Silva, 1993, p. 97).

Esta espiral de degradação irá atingir o seu pico com a morte da última freira, em 1886, e com o fim da presença da comunidade religiosa no Mosteiro de Arouca. Inicia-se, de seguida, um rápido processo de transição da Igreja paroquial para a Igreja do Mosteiro, tornando-se esta na Igreja matriz da vila, que culminou na demolição e expropriação do espaço religioso ocupado pela Igreja de S. Bartolomeu.

Conhecemos todo o processo através da leitura das atas das reuniões da Junta da Paróquia. Em 1887, é enviado um pedido de autorização ao bispo do Porto para que se efetue a mudança do Santíssimo Sacramento da Igreja de S. Bartolomeu para a Igreja do Mosteiro. Em 1889 e 1890, são colocados em hasta pública e vendidos diversos móveis (armários e bancos), a cantoneira e a pedra do campanário do adro, ficando também assente que um dos sinos do campanário da Igreja fosse utilizado numa torre ou campanário a construir junto à Capela da Misericórdia, para que fosse usado em caso de incêndio ou de outra contingência. Para tal, a Junta da Paróquia comprometia-se a ceder a pedra necessária à sua construção.

O processo de secularização do espaço ocupado pelo adro do Mosteiro terá ficado a dever-se a uma combinação de fatores: a perda de influência deste, aliada às suas dificuldades económicas, e o avançado estado de degradação da Igreja, que não recebia qualquer tipo de donativos, de culto ou de veneração de imagens, tornando-se num espaço, muitas vezes, ocupado por animais. Por outro lado, os interesses da administração da paróquia e a vontade de embelezar a praça da vila terão, igualmente, contribuído para este desfecho.

Assim, o local ficou aberto à construção da nova praça da vila, no centro da qual foi colocado um fontanário/chafariz, para aproveitamento das águas que corriam no Mosteiro. Ao longo do século XX foi sofrendo diversas obras, que traçaram a fisionomia que lhe conhecemos antes do início dos trabalhos de arqueologia. Este processo, associado à reorganização urbana da vila em crescimento, ditou a demolição da Igreja de S. Bartolomeu, autorizada, em 1891, pelo bispo do Porto.

Ficou estabelecido que a pedra fosse disponibilizada para a construção do muro de vedação da Capela de Santo António e para a vedação do adro da Capela do Espírito Santo, no lugar do Calvário, bem como para a edificação da capela-mor da Igreja de S. Sebastião das Costeiras. Uma parte seria oferecida à Câmara Municipal para a construção de uma capela no novo cemitério local.

Estes dois últimos projetos não se concretizaram, mas pensamos que alguma pedra possa ter sido utilizada na construção do muro de vedação do novo cemitério, à entrada da vila. O que nos leva a colocar esta hipótese prende-se

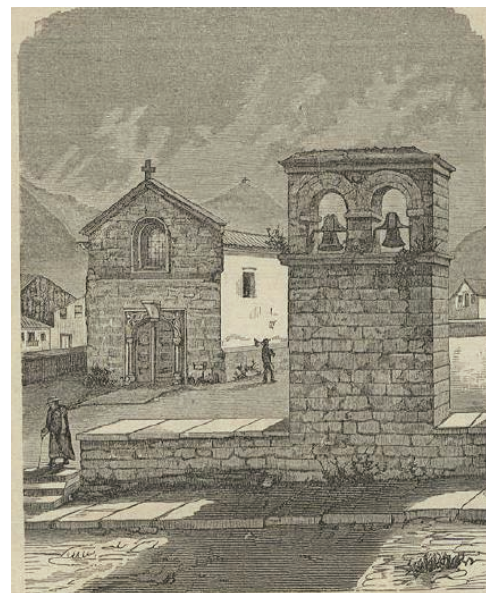


FIGURA 3. Desenho da Igreja de S. Bartolomeu e do seu campanário, em 1883 (uma das poucas representações que se conhece desta Igreja) (Acácio, 1883b, p. 240).



FIGURA 4. Pedra de armas, tradicionalmente atribuída a D. Melícia de Melo, onde se encontram representados dois chicotes.



FIGURA 5. Conjunto de elementos arquitetónicos provenientes do muro do cemitério, recolhidos no interior da cerca do Mosteiro de Arouca.

com o achamento de “umas pedras trabalhadas” durante as obras realizadas no muro do cemitério. A coincidência desta descoberta com a nossa presença em Arouca levou a um convite, pelo dono de obra, para visitarmos o local, o que nos permitiu identificar e recolher um conjunto muito interessante de elementos arquitetónicos: bases de colunas, cornijas, aduelas de arco, remates de entablamento e uma aduela com a representação da pedra de armas que a tradição atribui à abadessa Melícia de Melo (século XVI), com a representação de dois chicotes.

Algumas das pedras encontravam-se já inseridas no novo muro, mas foram retiradas pelo empreiteiro e transportadas para o quintal do Mosteiro, onde procedemos à sua limpeza, inventariação e registo fotográfico, tendo, posteriormente, sido entregues à guarda do Museu de Arte Sacra de Arouca.

3. INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

Os trabalhos efetuados na praça Brandão de Vasconcelos com vista a edificar uma nova praça, com forma circular, em anfiteatro, consistiram no acompanhamento de todas as tarefas de afetação do subsolo, desmonte de infraestruturas, desaterro e abertura de valas para a colocação de infraestruturas, bem como na realização de sondagens prévias de diagnóstico, de sondagens de caracterização e de limpeza exaustiva de todo o espaço ocupado pela praça, com vista à identificação/caraterização, inventariação e registo de estruturas preexistentes.

Estas tarefas implicaram grandes movimentações e o desaterro de vários metros de sedimentos, essencialmente associados à condenação e aterro do espaço anterior ao

século XX, o que nos permitiu identificar vestígios associados ao espaço religioso, na zona sul, e à antiga praça da vila, na zona norte, com cronologias que se estendem dos séculos XVI (ou anteriores) ao XX.

Na faixa norte e associadas ao espaço público da antiga vila, possivelmente com cronologia contemporânea (século XVIII-XIX), foram detetadas nove bases em granito, de grande dimensão, com forma retangular e quadrangular, em cujo centro se observa a existência de uma marca de assentamento. Estas possuem orientação oeste-este, formam praticamente uma linha reta e prolongam-se para o interior do lado oeste da praça.

Ao longo deste alinhamento foram igualmente identificados 27 buracos de poste, com formas e dimensões diversas, parecendo-nos claro que poderiam ter servido de suporte ou apoio à estrutura aqui existente. Estes encontram-se distribuídos em redor das bases em granito. Não conseguimos esclarecer com clareza a sua funcionalidade, nem a sua dimensão total, uma vez que temos indícios de que esta estrutura se prolongaria, tanto para o lado oeste, como para este do espaço da praça, mas pensamos que se poderia tratar de uma espécie de arcaria, em madeira ou granito, ou um alpendre para apoio aos romeiros.

Coetâneo das bases de granito e dos buracos de poste deverá ser o pavimento em terra batida, que estaria associado à ocupação da praça. Aqueles situam-se numa zona com um pequeno desnível em relação à faixa sul, visível no terreno, e poderão ser coevas da última fase de ocupação do espaço religioso.



FIGURA 6. Praça Brandão de Vasconcelos em fase de preparação dos trabalhos arqueológicos, enquadrada pela Igreja do Mosteiro de Arouca.



FIGURA 8. Vista geral das estruturas detetadas na praça Brandão de Vasconcelos, enquadradas, a sul, pela Igreja do Mosteiro de Arouca.



FIGURA 7. Pormenor do alinhamento das bases de assentamento, dos buracos de poste e dos alicerces da Igreja de S. Bartolomeu.

Na faixa sul do espaço, como foi referido anteriormente, foram localizados os alicerces das paredes norte, sul e oeste da Igreja de S. Bartolomeu, bem como a sua porta principal, localizada a poente. Da demolição a que foi sujeita, nos finais do século XIX (1891), pouco restou, somente uma fiada de alicerce. Este é composto por uma fiada de pedras de granito, de grande dimensão, com forma irregular, ligada por terras negras, que se estende ao longo de 18 metros de comprimento e cerca de 11,5 metros de largura. Apesar disso, não foi possível identificar a dimensão total da Igreja de S. Bartolomeu, uma vez que não foi detetada a parede este do templo.

A destruição quase total deste deverá estar relacionada com a reutilização das pedras em novas construções, tal como foi referenciado anteriormente. Ainda assim, foi possível identificar e escavar a vala de fundação do edifício, construído no século XVI. No interior do templo também não restou qualquer vestígio que possa estar associado ao seu funcionamento. A observação da faixa sudoeste da Igreja permitiu-nos pensar que esta pudesse ter possuído uma espécie de contraforte. Na faixa norte observa-se a base arredondada de assentamento do chafariz, que destruiu parcialmente o templo e onde terão sido utilizadas algumas pedras deste, como pudemos verificar e recolher aquando do seu desmonte.



FIGURA 9. Pormenor dos alicerces da Igreja de S. Bartolomeu e da base do chafariz que assentou sobre estes.

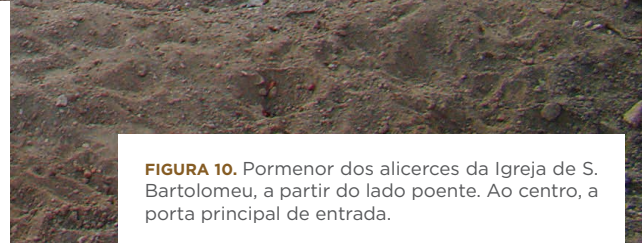


FIGURA 10. Pormenor dos alicerces da Igreja de S. Bartolomeu, a partir do lado poente. Ao centro, a porta principal de entrada.



FIGURA 11. Vista geral da faixa sul da praça Brandão de Vasconcelos, sendo visíveis os alicerces da Igreja de S. Bartolomeu, enquadrados, a sul, pela Igreja do Mosteiro de Arouca, e, a poente, pela travessa da Alameda e pelo edifício dos correios.

Na envolvente da Igreja foi efetuada uma decapagem exaustiva e realizadas sondagens, com objetivo de melhor caracterizar o espaço religioso. Estes trabalhos permitiram a deteção de uma Necrópole, com cronologia medieval, moderna/contemporânea, onde se observa uma sucessão de 26 sepulturas, três delas um pouco mais afastadas, a cerca de 5-6 metros para poente, no arruamento que contorna a praça, do lado oeste, o que nos leva a colocar a hipótese de que a Necrópole se estenderia para poente, tendo uma dimensão muito mais significativa. As limitações da cota de afetação da obra não nos permitiram esclarecer a sua real dimensão, nem escavar seis sepulturas.



FIGURA 13. Pormenor da Necrópole no final da intervenção arqueológica.



FIGURA 12. Aspecto geral da Necrópole na faixa sudoeste da Igreja de S. Bartolomeu.

As sepulturas encontravam-se concentradas na faixa sudoeste do templo, junto das paredes oeste e sul, sendo que apenas duas se situavam no interior da Igreja. Praticamente todas estavam escavadas no substrato geológico.

O delineamento das sepulturas nem sempre é perfeito. O facto de muitas estarem sucessivamente cortadas não nos permitiu, por vezes, identificar com clareza a sua morfologia. No entanto, foi-nos possível observar, neste conjunto, uma grande variedade de enterramentos, com cabeceiras ovaladas, arredondadas e retangulares, sepulturas trapezoidais e retangulares e um grupo diminuto com configuração antropomórfica. Destas, somente uma minoria não está inumada segundo a orientação canónica oeste-este. São as duas sepulturas detetadas no interior da Igreja, sendo que uma delas também parece ser de configuração antropomórfica.

Deste conjunto, apenas três sepulturas possuem esqueleto completo, já que na maioria se verifica somente a existência de fragmentos, como crânios e ossos de membros inferiores e superiores, havendo, ainda, algumas vazias. O espólio associado à Necrópole é muito escasso: foram recolhidos dois botões, alfinetes e um conjunto de contas de vidro, de coloração azulada e branca, de colar ou terço, detetado ao longo do tronco e da bacia de um esqueleto.

Duas delas possuem pequenas pedras de cabeceira, possivelmente para construir uma espécie de “almofada”, de forma a permitir a elevação da cabeça sobre o resto do corpo (o que, segundo alguns autores, lhes permite dar uma maior estabilidade).

A presença da Necrópole, cuja cronologia não conseguimos aferir com certezas, leva-nos a pensar que poderemos possuir três momentos diferentes de inumação, dado que, em várias zonas, nos apercebemos de sepulturas que se cortam sucessivamente: da Idade Média, anterior à edificação da Igreja de S. Bartolomeu, no século XVI, que, ao ser construída, afetou várias sepulturas, uma vez que foi construída sobre a Necrópole,

FIGURA 14. Sepultura com o esqueleto mais completo identificado na Necrópole.



FIGURA 15. Sepultura cortada pela vala de fundação da parede da Igreja de S. Bartolomeu.



FIGURA 16. Sepultura identificada no interior da Igreja de S. Bartolomeu.



FIGURA 17. Sepultura escavada no exterior da Igreja de S. Bartolomeu e afetada pela construção desta.

tendo as suas valas de fundação cortado várias sepulturas, o que fez com que duas delas se passassem a localizar parcialmente no interior do templo religioso; da Época Moderna e, possivelmente, contemporâneas, coevas da utilização da Igreja de S. Bartolomeu. A escassez de espólio associado às sepulturas e de contextos arqueológicos coevos impossibilitou a atribuição de cronologias claras às sepulturas.

Parece-nos possível que a Necrópole possa ter sido parcialmente destruída aquando da demolição do espaço religioso, uma vez que existiam referências de que junto do templo e no seu interior eram enterrados os “fiéis”, tendo uma dimensão superior à detetada.

No interior da Igreja foi igualmente identificado um pavimento em terra batida, anterior à construção do edifício, possivelmente coevo da Necrópole medieval.

No entanto, algumas questões se levantam, para as quais não conseguimos clarificar as respostas, nem em campo, nem com recurso à bibliografia. Por um lado, o facto de estarmos perante enterramentos da época medieval leva-nos a questionar se estas sepulturas estariam associadas a algum templo anterior ao de S. Bartolomeu ou ao próprio Mosteiro medieval. Por outro lado, a construção da Igreja sobre a Necrópole leva-nos,

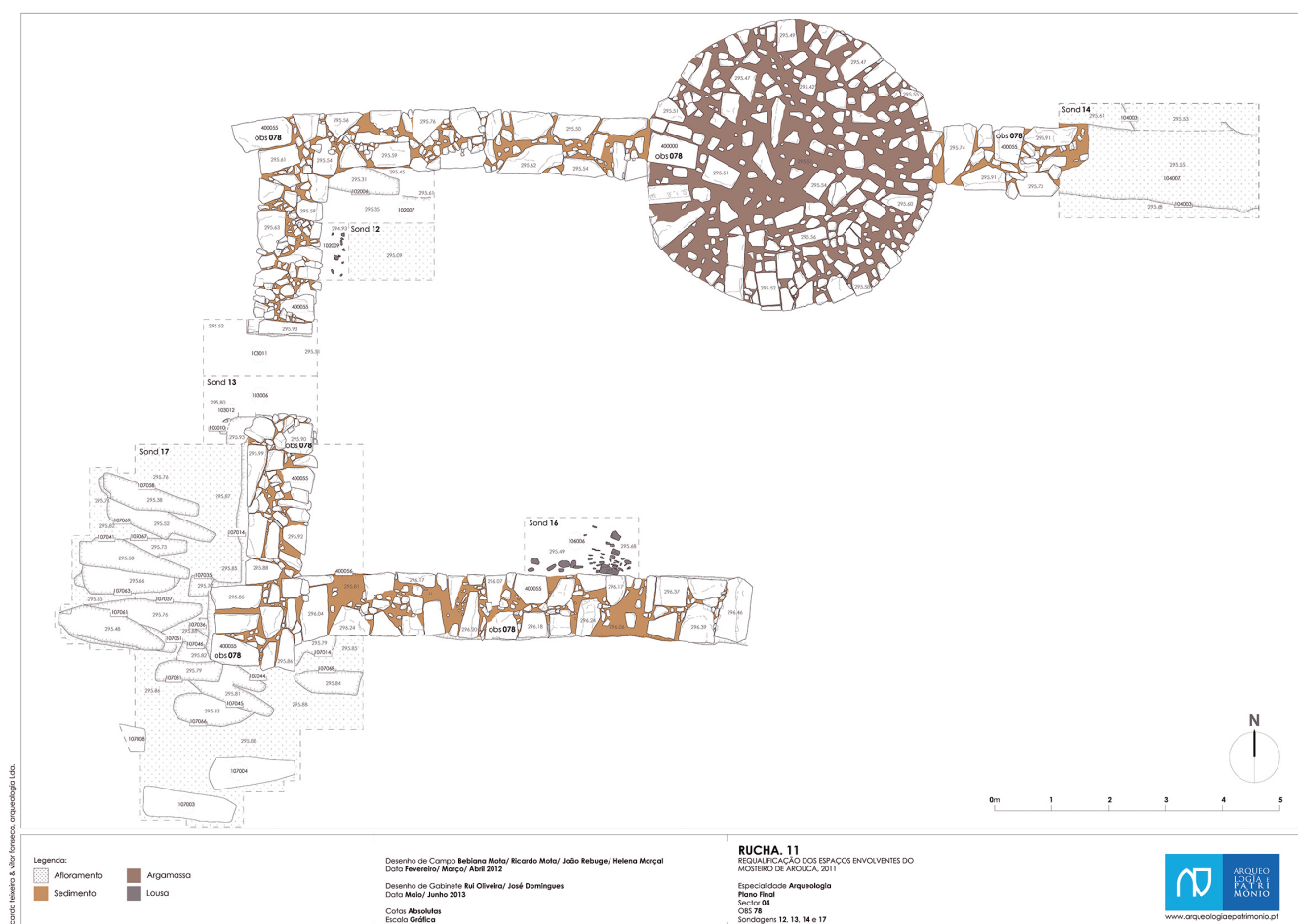


FIGURA 18. Plano final da Igreja da Necrópole, da Igreja de S. Bartolomeu e da base do chafariz (Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca, Arqueologia e Património, Lda.).

igualmente, a pensar o porquê dessa decisão. Estaria esta zona de enterramentos há muito sem utilização, sendo condenada para a construção de um novo templo?

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os trabalhos arqueológicos e a pesquisa efetuada permitiram-nos desvendar um pouco da história da Igreja de S. Bartolomeu e da sua envolvente, cuja existência esteve intimamente ligada ao Mosteiro de Arouca, tal como a vila, que se desenvolveu à volta deste. Mas o progresso urbano não poupou a sua existência, tanto no século XIX, como no XX.

De ressaltar que os resultados obtidos são muito parcelares, levantando mais questões que respostas esclarecedoras, uma vez que os contextos arqueológicos são diminuídos e os condicionamentos da cota de afetação da obra limitaram, por vezes, as nossas observações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES MANUSCRITAS

Ata da sessão de reunião da Junta da Paróquia de S. Bartolomeu 1887. (16 de janeiro). Arouca: Igreja Matriz de Arouca.

Ata da sessão de reunião da Junta da Paróquia de S. Bartolomeu 1889. (07 de setembro). Arouca: Igreja Matriz de Arouca.

Ata da sessão de reunião da Junta da Paróquia de S. Bartolomeu 1890. (04 de setembro). Arouca: Igreja Matriz de Arouca.

Ata da sessão de reunião da Junta da Paróquia de S. Bartolomeu 1890. (28 de setembro). Arouca: Igreja Matriz de Arouca.

Ata da sessão de reunião da Junta da Paróquia de S. Bartolomeu 1890. (05 de outubro). Arouca: Igreja Matriz de Arouca.

Ata da sessão de reunião da Junta da Paróquia de S. Bartolomeu 1891. (08 de fevereiro). Arouca: Igreja Matriz de Arouca.

MONOGRAFIAS

Rocha, M. M., 2011. *A memória de um mosteiro – Santa Maria de Arouca (séculos XVIII-XX): das construções e das reconstruções*. Porto: Edições Afrontamento.

Silva, F., 1993. *Arouca d'ontem*. Arouca: Associação de Defesa do Património Arouquense.

ARTIGOS DE PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS

Acácio, A., 1883a. O mosteiro de Arouca: Arouca. II. *O Occidente: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro*, VI (178), pp. 268-270.

Acácio, A., 1883b. O mosteiro de Arouca: um fragmento de historia patria. I. *O Occidente: revista illustrada de Portugal e do estrangeiro*, VI (174), pp. 236-240.

Simões-Júnior, M. R., 1990. Arouca: subsídios para a sua monografia. *Defesa de Arouca*, LXXXIV (1733), p. 8.

DOCUMENTOS ELETRÓNICOS

Alçada, M., 1983 (Ruão, C., 1996, atualização) *Igreja da Santa Casa da Misericórdia de Arouca*. [em linha] Lisboa: Direção-Geral do Património Cultural. Disponível em: <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=874> [Consultado em 04 de março de 2016].

Google Maps, 2016. *Praça Brandão de Vasconcelos, Arouca*. [em linha] Disponível em: <<https://www.google.pt/maps>> [Consultado em 13 de março de 2016].

DESENHOS

Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca, Arqueologia e Património, Lda., [s.d.]. Rucha. 11. *Requalificação dos espaços envolventes do mosteiro de Arouca*, 2011. Matosinhos: Ricardo Teixeira & Vítor Fonseca, Arqueologia e Património, Lda.